

estudos e pesquisas

Nº 58 – agosto de 2011

Balanço das negociações dos reajustes salariais do 1º semestre de 2011

Balanço das negociações dos reajustes salariais do 1º semestre de 2011

De um total de 353 negociações salariais realizadas no primeiro semestre de 2011, 93% conquistaram reajustes iguais ou superiores à inflação medida pelo INPC-IBGE – Índice Nacional de Preços ao Consumidor, calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Este resultado é uma das conclusões da análise dos resultados salariais obtidos por um conjunto de categorias acompanhadas pelo DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - através do Sistema de Acompanhamento de Salários (SAS-DIEESE).

Trata-se do segundo melhor resultado registrado pelo DIEESE desde 2008, quando o Departamento passou a analisar os reajustes conquistados exclusivamente pelas unidades de negociação pertencentes a um painel controlado de categorias profissionais. Apenas em 2010, um ano excepcional para a economia e as negociações salariais brasileiras, a proporção de unidades de negociação com reajustes acima do INPC superou o apurado neste ano.

Resultados

Os resultados das negociações dos reajustes salariais no primeiro semestre de 2011 revelam um quadro semelhante ao registrado pelas mesmas unidades de negociação em 2010, embora com leve queda nos percentuais de aumento real. No ano passado, aproximadamente 87% das 353 unidades de negociação analisadas conquistaram aumentos reais nos salários. Neste ano, o percentual de negociações com reajustes acima do INPC-IBGE foi de 84%, o que representa um recuo da ordem de 3 pontos percentuais.

A principal diferença entre os dois períodos se encontra no percentual de negociações com reajustes abaixo do índice inflacionário: foram quase 7% em 2011, frente os 4% observados em 2010. Boa parte dos reajustes insuficientes para recompor o poder de compra dos salários – não só neste primeiro semestre, mas também o obtido pelas mesmas categorias nos três anos anteriores – concentrou-se nas faixas de perda entre 0,01% e 1% abaixo do INPC-IBGE.

Outra diferença refere-se à magnitude dos aumentos reais. Nota-se, em 2011, uma pequena redução no tamanho dos ganhos reais frente àquele observado no ano anterior. Contudo, o percentual das negociações com aumentos reais superiores a 3% manteve-se em patamares significativos: enquanto em 2008 e 2009 o percentual girou em torno dos 5%; no biênio seguinte o percentual sobe para dois dígitos: 15% em 2010, 12% em 2011.

TABELA 1
Distribuição dos reajustes salariais em comparação com o INPC-IBGE
Brasil, 2008 a 2011

Variação	2008		2009		2010		2011	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Acima do INPC-IBGE	273	77,3	264	74,8	306	86,7	298	84,4
Mais de 5% acima	1	0,3	6	1,7	20	5,7	9	2,5
De 4,01% a 5% acima	3	0,8	5	1,4	12	3,4	10	2,8
De 3,01% a 4% acima	10	2,8	10	2,8	22	6,2	24	6,8
De 2,01% a 3% acima	26	7,4	26	7,4	47	13,3	35	9,9
De 1,01% a 2% acima	99	28,0	62	17,6	82	23,2	113	32,0
De 0,51% a 1% acima	56	15,9	56	15,9	62	17,6	76	21,5
De 0,01% a 0,5% acima	78	22,1	99	28,0	61	17,3	31	8,8
Igual ao INPC-IBGE	38	10,8	60	17,0	34	9,6	31	8,8
De 0,01% a 0,5% abaixo	24	6,8	14	4,0	10	2,8	14	4,0
De 0,51% a 1% abaixo	13	3,7	6	1,7	2	0,6	6	1,7
De 1,01% a 2% abaixo	2	0,6	1	0,3	0	0,0	1	0,3
De 2,01% a 3% abaixo	1	0,3	2	0,6	0	0,0	2	0,6
De 3,01% a 4% abaixo	0	0,0	0	0,0	1	0,3	1	0,3
De 4,01% a 5% abaixo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Mais de 5% abaixo	2	0,6	6	1,7	0	0,0	0	0,0
Abaixo do INPC-IBGE	42	11,9	29	8,2	13	3,7	24	6,8
Total	353	100,0	353	100,0	353	100,0	353	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

A distribuição dos ganhos reais nos salários em quartis¹ pode ser observada na Tabela 2. Ela permite visualizar a proximidade existente entre os resultados apurados em 2010 e 2011, principalmente entre os valores localizados no 1º quartil e a mediana. Ao mesmo tempo, pode-se notar que os ganhos das negociações atuais foram mais modestos, o que pode ser visto na comparação entre os valores do 3º quartil e os maiores aumentos reais, nos dois anos, o que se reflete na redução do valor médio do aumento real em 2011.

¹ Medida que divide um conjunto ordenado de dados em quatro partes iguais. Existem três quartis: o primeiro quartil é o valor abaixo do qual encontram-se 25% da amostra ordenada; segundo quartil, ou mediana, é o valor até ao qual se encontra 50% da amostra ordenada; e terceiro quartil é o valor a partir do qual se encontram 25% dos valores mais elevados.

TABELA 2
Estatísticas sobre os aumentos reais⁽¹⁾
Brasil, 2008 a 2011

Aumento Real	2008	2009	2010	2011
Maior	5,10%	6,27%	10,33%	8,01%
3º Quartil	1,42%	1,11%	2,30%	1,62%
Mediana	0,57%	0,33%	1,17%	1,12%
1º Quartil	0,07%	0,00%	0,48%	0,53%
Menor	-6,23%	-5,51%	-3,31%	-3,93%
Médio	0,78%	0,70%	1,59%	1,37%

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

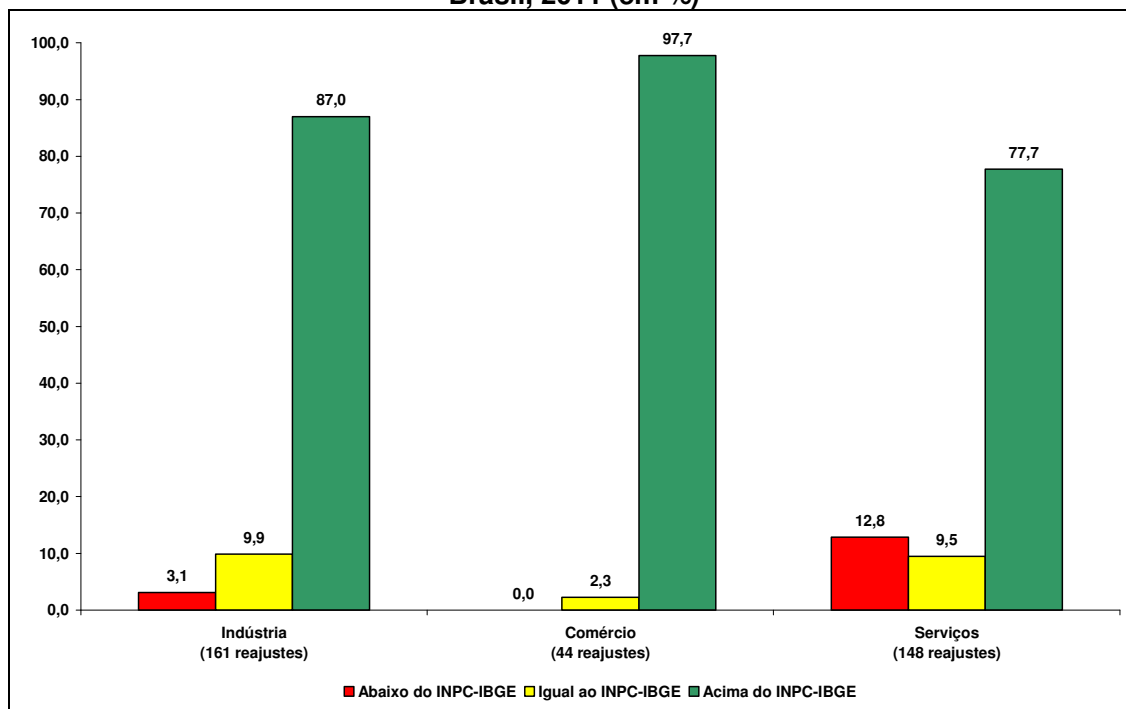
Nota: (1) Considera apenas a variação real, descontado o percentual do INPC-IBGE do período

Obs.: Valores negativos equivalem a perdas reais

Reajustes salariais por setores econômicos

Em relação aos setores econômicos, o comércio é o que apresenta o melhor resultado. Aproximadamente 98% das negociações do setor analisadas conquistaram aumentos reais e 2%, reajustes iguais à inflação, não sendo observados reajustes abaixo do INPC-IBGE. O desempenho menos satisfatório ocorreu no setor de serviços, que registrou um percentual de quase 13% de negociações com reajustes insuficientes para repor o poder aquisitivo dos salários. Na indústria, 87% das negociações resultaram em aumentos reais no salário e 10%, em reajustes iguais à inflação.

GRÁFICO 1
Distribuição dos reajustes salariais, por setor econômico,
em comparação com o INPC-IBGE
Brasil, 2011 (em %)



Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Na comparação entre os valores dos aumentos reais conquistados em cada setor econômico (Tabela 3), pode-se notar que as negociações dos serviços foram as que apresentaram a variação mais acentuada, registrando o maior ganho e a maior perda real do painel do primeiro semestre de 2011. A tabela mostra, ainda, que esse setor registrou os menores aumentos reais da amostra, como se nota através da comparação entre os quartis e nos valores médios dos aumentos reais.

TABELA 3
Estatísticas sobre os aumentos reais⁽¹⁾, por setor econômico
Brasil, 2011

Aumento Real	Indústria	Comércio	Serviços
Maior	5,19%	5,30%	8,01%
3º Quartil	2,23%	1,82%	1,54%
Mediana	1,31%	1,44%	0,94%
1º Quartil	0,66%	0,66%	0,05%
Menor	-2,32%	0,00%	-3,93%
Médio	1,49%	1,56%	1,19%

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Nota: (1) Considera apenas a variação real, descontado o percentual do INPC-IBGE do período

Obs.: a) Valores negativos equivalem a perdas reais

b) Foram considerados os reajustes salariais de 161 unidades de negociação da indústria, 44 do comércio e 148 dos serviços

O percentual de reajustes da indústria com aumento real de salários em comparação com o INPC-IBGE aumentou em 2011, frente aos demais anos, desde 2008, sempre considerando as mesmas unidades de negociação no período, como mostra a distribuição dos reajustes salariais na indústria (Tabela 4). Por outro lado, também se observa um crescimento semelhante no percentual de reajustes abaixo do índice inflacionário².

² Tal comportamento pode ser explicado, em parte, pela heterogeneidade dos segmentos da própria indústria.

TABELA 4
Distribuição dos reajustes salariais na indústria, em comparação com o INPC-IBGE
Brasil, 2008 a 2011 (em %)

Variação	2008	2009	2010	2011
Acima do INPC-IBGE	85,7	78,9	86,3	87,0
Mais de 5% acima	0,0	1,2	1,9	0,6
De 4,01% a 5% acima	1,2	0,6	5,0	4,3
De 3,01% a 4% acima	4,3	1,9	5,6	9,3
De 2,01% a 3% acima	8,7	6,8	18,0	14,3
De 1,01% a 2% acima	35,4	18,0	27,3	34,8
De 0,51% a 1% acima	18,0	18,0	18,6	18,6
De 0,01% a 0,5% acima	18,0	32,3	9,9	5,0
Igual ao INPC-IBGE	6,8	14,9	11,2	9,9
De 0,01% a 0,5% abaixo	3,1	1,9	1,9	0,6
De 0,51% a 1% abaixo	3,7	1,9	0,0	0,6
De 1,01% a 2% abaixo	0,0	0,6	0,0	0,6
De 2,01% a 3% abaixo	0,0	0,6	0,0	1,2
De 3,01% a 4% abaixo	0,0	0,0	0,6	0,0
De 4,01% a 5% abaixo	0,0	0,0	0,0	0,0
Mais de 5% abaixo	0,6	1,2	0,0	0,0
Abaixo do INPC-IBGE	7,5	6,2	2,5	3,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Obs.: Dados referentes aos reajustes salariais de 161 unidades de negociação da indústria

Na análise da distribuição dos aumentos reais na indústria, percebe-se em 2011 uma diminuição na amplitude dos resultados na comparação com o ano anterior, expresso tanto pela redução do patamar mínimo (a maior perda salarial foi de 2,32% abaixo do INPC-IBGE) como também do patamar máximo (o maior aumento real foi de 5,19%). Na comparação entre as médias dos aumentos reais, a indústria apresentou em 2011 o segundo melhor resultado, apenas inferior ao de 2010.

TABELA 5
Estatísticas sobre os aumentos reais⁽¹⁾ na indústria
Brasil, 2008 a 2011

Aumento Real	2008	2009	2010	2011
Maior	4,34%	5,41%	10,33%	5,19%
3º Quartil	1,56%	1,11%	2,38%	2,23%
Mediana	1,00%	0,33%	1,43%	1,31%
1º Quartil	0,09%	0,07%	0,61%	0,66%
Menor	-5,57%	-5,51%	-3,31%	-2,32%
Médio	1,00%	0,64%	1,56%	1,49%

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Nota: (1) Considera apenas a variação real, descontado o percentual do INPC-IBGE do período

Obs.: a) Valores negativos equivalem a perdas reais.

b) Dados referentes aos reajustes salariais de 161 unidades de negociação da indústria

Já no Comércio, a distribuição dos reajustes salariais revela a manutenção, em 2011, do percentual de negociações com aumento real já registrado no ano anterior. No entanto, o dado mais relevante é a não ocorrência reajustes abaixo da inflação.

TABELA 6
Distribuição dos reajustes salariais no comércio, em comparação com o INPC-IBGE
Brasil, 2008 a 2011 (em %)

Variação	2008	2009	2010	2011
Acima do INPC-IBGE	81,8	81,8	97,7	97,7
Mais de 5% acima	0,0	0,0	2,3	2,3
De 4,01% a 5% acima	0,0	2,3	0,0	2,3
De 3,01% a 4% acima	0,0	6,8	13,6	6,8
De 2,01% a 3% acima	2,3	6,8	6,8	9,1
De 1,01% a 2% acima	34,1	13,6	31,8	43,2
De 0,51% a 1% acima	20,5	22,7	18,2	22,7
De 0,01% a 0,5% acima	25,0	29,5	25,0	11,4
Igual ao INPC-IBGE	2,3	9,1	0,0	2,3
De 0,01% a 0,5% abaixo	11,4	4,5	2,3	0,0
De 0,51% a 1% abaixo	0,0	2,3	0,0	0,0
De 1,01% a 2% abaixo	0,0	0,0	0,0	0,0
De 2,01% a 3% abaixo	2,3	0,0	0,0	0,0
De 3,01% a 4% abaixo	0,0	0,0	0,0	0,0
De 4,01% a 5% abaixo	0,0	0,0	0,0	0,0
Mais de 5% abaixo	2,3	2,3	0,0	0,0
Abaixo do INPC-IBGE	15,9	9,1	2,3	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Obs.: Dados referentes aos reajustes salariais de 44 unidades de negociação no comércio

Outra informação que merece destaque no que se refere ao desempenho das negociações salariais no comércio refere-se ao aumento da magnitude dos ganhos reais registrados neste ano. Na comparação do período, não só o valor médio do aumento real no setor foi maior no ano corrente, como também os valores localizados no 1º quartil, na mediana e no 3º quartil. A única exceção refere-se aos valores do maior ganho real em cada ano, em que se observa que em 2010 foi registrado um valor ligeiramente mais elevado (Tabela 7).

TABELA 7
Estatísticas sobre os aumentos reais⁽¹⁾ no comércio
Brasil, 2008 a 2011

Aumento Real	2008	2009	2010	2011
Maior	2,44%	4,60%	5,40%	5,30%
3º Quartil	1,30%	1,32%	1,65%	1,82%
Mediana	0,54%	0,67%	1,20%	1,44%
1º Quartil	0,26%	0,08%	0,48%	0,66%
Menor	-6,23%	-5,17%	-0,10%	0,00%
Médio	0,53%	0,77%	1,44%	1,56%

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Nota: (1) Considera apenas a variação real, descontado o percentual do INPC-IBGE do período

Obs.: a) Valores negativos equivalem a perdas reais.

b) Dados referentes aos reajustes salariais de 44 unidades de negociação no comércio

O resultado menos satisfatório foi observado no setor de serviços. No primeiro semestre deste ano houve redução significativa no percentual de negociações com reajustes iguais e acima do INPC-IBGE, quando comparados com os resultados de 2010, e um crescimento correspondente nos reajustes abaixo do índice, chegando a um percentual inferior apenas ao observado em 2008. Contudo, 2011 registrou o segundo maior percentual de reajustes acima da inflação da série no setor³.

³ Assim como ocorre na indústria, tal comportamento pode ser atribuído, em parte, à heterogeneidade dos segmentos abrangidos pelo setor de serviços.

TABELA 8
Distribuição dos reajustes salariais no setor de serviços,
em comparação com o INPC-IBGE
Brasil, 2008 a 2011 (em %)

Variação	2008	2009	2010	2011
Acima do INPC-IBGE	66,9	68,2	83,8	77,7
Mais de 5% acima	0,7	2,7	10,8	4,7
De 4,01% a 5% acima	0,7	2,0	2,7	1,4
De 3,01% a 4% acima	2,0	2,7	4,7	4,1
De 2,01% a 3% acima	7,4	8,1	10,1	5,4
De 1,01% a 2% acima	18,2	18,2	16,2	25,7
De 0,51% a 1% acima	12,2	11,5	16,2	24,3
De 0,01% a 0,5% acima	25,7	23,0	23,0	12,2
Igual ao INPC-IBGE	17,6	21,6	10,8	9,5
De 0,01% a 0,5% abaixo	9,5	6,1	4,1	8,8
De 0,51% a 1% abaixo	4,7	1,4	1,4	3,4
De 1,01% a 2% abaixo	1,4	0,0	0,0	0,0
De 2,01% a 3% abaixo	0,0	0,7	0,0	0,0
De 3,01% a 4% abaixo	0,0	0,0	0,0	0,7
De 4,01% a 5% abaixo	0,0	0,0	0,0	0,0
Mais de 5% abaixo	0,0	2,0	0,0	0,0
Abaixo do INPC-IBGE	15,5	10,1	5,4	12,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Obs.: Dados referentes aos reajustes salariais de 148 unidades de negociação nos serviços

A Tabela 9 traz alguns elementos para a análise do desempenho dos reajustes salariais no setor de serviços. A partir da comparação entre os quartis, é possível afirmar que os valores dos aumentos reais em 2011 foram, no geral, maiores que os obtidos em 2008 e 2009, mas inferiores aos de 2010, o que pode ser confirmado também pela comparação dos valores médios dos aumentos reais. Por outro lado, o menor reajuste de 2011 representou uma perda real de 3,93% - muito superior ao observado em 2010 e 2008, mas inferior a 2009.

TABELA 9
Estatísticas sobre os aumentos reais⁽¹⁾ no setor de serviços
Brasil, 2008 a 2011

Aumento Real	2008	2009	2010	2011
Maior	5,10%	6,27%	9,29%	8,01%
3º Quartil	1,04%	1,13%	2,19%	1,54%
2º Quartil	0,32%	0,24%	0,85%	0,94%
1º Quartil	0,00%	0,00%	0,19%	0,05%
Menor	-1,36%	-5,51%	-0,96%	-3,93%
Médio	0,62%	0,75%	1,66%	1,19%

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Nota: (1) Considera apenas a variação real, descontado o percentual do INPC-IBGE do período

Obs.: a) Valores negativos equivalem a perdas reais.

b) Dados referentes aos reajustes salariais de 148 unidades de negociação nos serviços

Reajustes salariais por atividades econômicas

Nesta seção serão analisados os percentuais de reajustes acima do INPC-IBGE no período de 2008-2011 para um conjunto de atividades econômicas selecionadas (Tabela 10).

No setor industrial, poucas mudanças são verificadas entre seus segmentos nos resultados das negociações salariais. Há um aumento no número de ganhos reais entre os trabalhadores têxteis, os do segmento da construção e mobiliário e da alimentação, e redução entre os trabalhadores gráficos, químicos e do vestuário. Porém, essas alterações não representam mudanças significativas no desempenho das negociações dessas categorias. Chama a atenção o percentual relativamente baixo de reajustes acima da inflação entre as negociações dos urbanitários – que compreendem os trabalhadores em saneamento básico (11 unidades de negociação) e energia elétrica (1 unidade de negociação). Apenas metade das negociações registradas no primeiro semestre conquistou aumentos reais. A outra metade obteve reajustes iguais ao INPC-IBGE.

No comércio é verificada uma redução pouco significativa no número de reajustes com ganhos reais no comércio atacadista e varejista, e um crescimento equivalente no segmento do comércio de minérios e derivados de petróleo.

Nos serviços é observado um aumento no número de reajustes acima da inflação entre as negociações dos profissionais em transportes, saúde⁴ e, principalmente, educação⁵, e uma redução nas negociações realizadas pelos agentes autônomos no comércio, vigilantes, empregados em atividades de difusão cultural, em comunicações e turismo e hospitalidade, sendo nos dois últimos apenas em relação a 2010.

⁴ Enfermeiro e outros profissionais da saúde privada.

⁵ Professores e auxiliares de administração escolar do ensino privado.

TABELA 10
Total de reajustes salariais e número e porcentagem de resultados superiores ao
INPC-IBGE, por setor e atividade econômica
Brasil, 2008 a 2011

Setor / Atividade Econômica	Reajustes superiores ao INPC-IBGE								Painel
	2008		2009		2010		2011		
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	
INDÚSTRIA	138	85,7	127	78,9	139	86,3	140	87,0	161
Alimentação	22	95,7	17	73,9	21	91,3	22	95,7	23
Construção e Mobiliário	41	97,6	38	90,5	41	97,6	42	100,0	42
Extrativista	5	100,0	5	100,0	5	100,0	5	100,0	5
Gráfica	9	90,0	10	100,0	10	100,0	9	90,0	10
Metalúrgica	24	92,3	22	84,6	24	92,3	24	92,3	26
Química e Farmacêutica	9	90,0	7	70,0	9	90,0	8	80,0	10
Fiação e Tecelagem	6	75,0	5	62,5	4	50,0	6	75,0	8
Urbana	6	50,0	8	66,7	6	50,0	6	50,0	12
Vestuário	12	66,7	13	72,2	14	77,8	12	66,7	18
COMÉRCIO	36	81,8	36	81,8	43	97,7	43	97,7	44
Atacadista e Varejista	27	84,4	28	87,5	32	100,0	31	96,9	32
Minérios e Deriv. Petróleo	8	80,0	8	80,0	9	90,0	10	100,0	10
SERVIÇOS	99	66,9	101	68,2	124	83,8	115	77,7	148
Agentes Auton. Comércio	5	83,3	6	100,0	5	83,3	4	66,7	6
Bancos e Seguros Privados	6	85,7	7	100,0	7	100,0	7	100,0	7
Comunicações	7	43,8	5	31,3	12	75,0	8	50,0	16
Difusão Cultural	5	71,4	7	100,0	6	85,7	5	71,4	7
Educação	13	46,4	16	57,1	21	75,0	23	82,1	28
Segurança e Vigilância	12	85,7	11	78,6	13	92,9	9	64,3	14
Serviços de Saúde	7	58,3	7	58,3	7	58,3	9	75,0	12
Transportes	15	78,9	14	73,7	17	89,5	18	94,7	19
Turismo e Hospitalidade	27	75,0	25	69,4	33	91,7	29	80,6	36

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

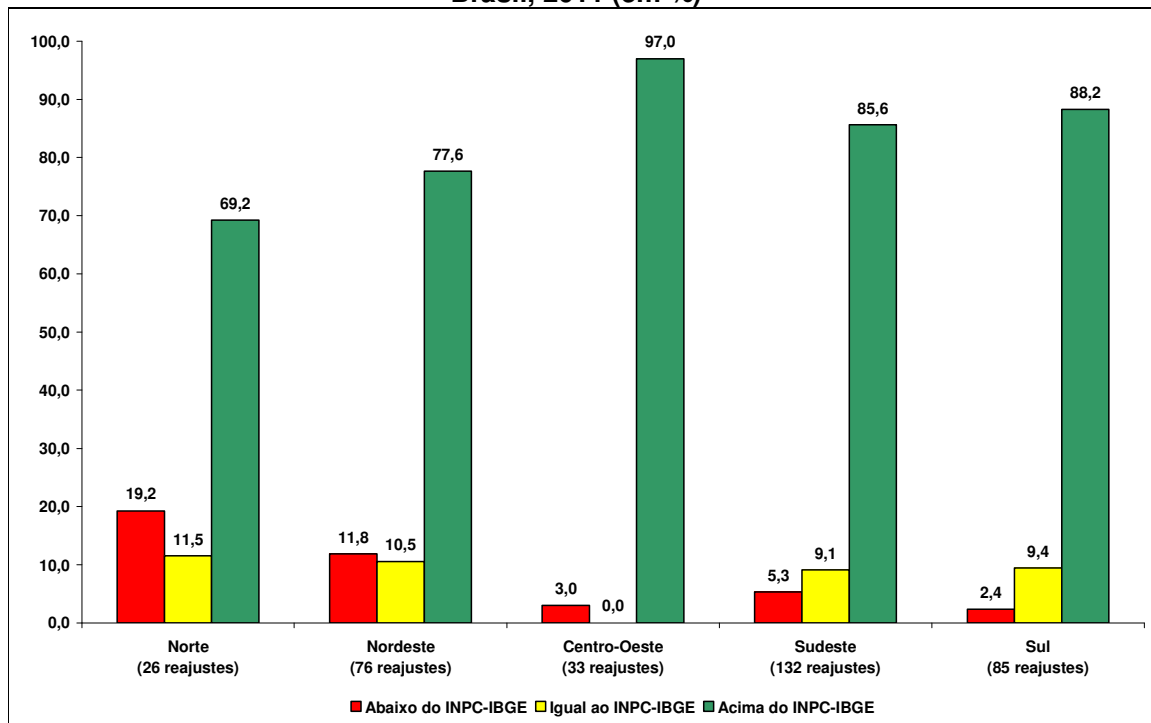
Obs.: a) São apresentadas apenas as atividades econômicas com cinco ou mais negociações registradas no painel

b) Nos totais por setor e total geral da tabela foram consideradas todas as unidades de negociação analisadas no estudo

Reajustes salariais por regiões geográficas

Ao se considerar as regiões geográficas, verifica-se que o Centro-Oeste apresentou o maior percentual de negociações com reajustes acima da inflação, enquanto a região Norte, registrou o menor. Todavia, a região Sul foi a que apresentou o menor percentual de negociações com perdas reais nos reajustes.

GRÁFICO 2
Distribuição dos reajustes salariais, por região geográfica,
em comparação ao INPC-IBGE
Brasil, 2011 (em %)



Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Obs.: As negociações de abrangência nacional ou inter-regional não constam do gráfico por contarem, no presente painel, apenas com um registro. Essa negociação obteve reajuste acima do INPC-IBGE

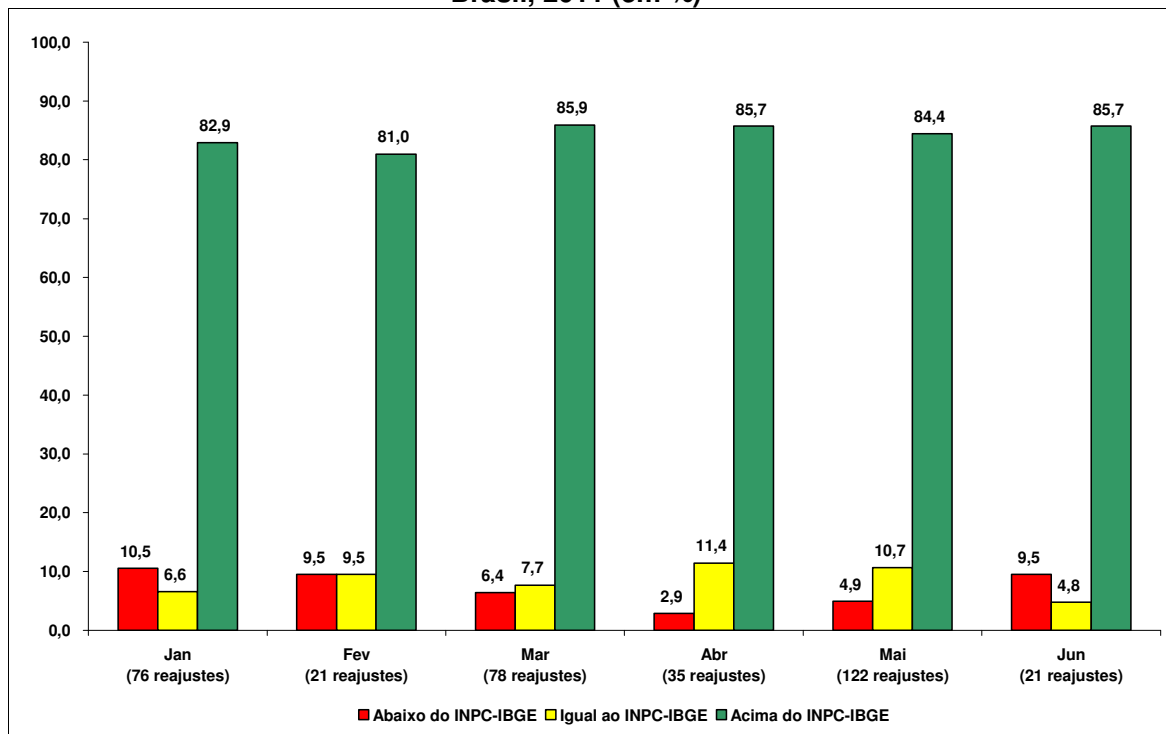
Reajustes salariais por datas-base

O desempenho das negociações salariais segundo a data-base, em 2011, não apresentou grandes variações. Em termos dos ganhos reais, o percentual ficou muito próximo ao observado para todo o semestre, em torno de 84%. Quanto ao percentual dos reajustes inferiores ao INPC-IBGE, as datas-base janeiro, fevereiro e junho apresentaram os piores resultados, e abril, o melhor (Gráfico 3).

Um dos fatores que pode ter influenciado no desempenho quase uniforme das negociações salariais é a pequena variação ocorrida no INPC-IBGE acumulado para as datas-base no 1º semestre do ano⁶.

⁶ Conferir Tabela 14 nas Considerações Finais do estudo.

GRÁFICO 3
Distribuição dos reajustes salariais, por data-base, em comparação ao INPC-IBGE
Brasil, 2011 (em %)

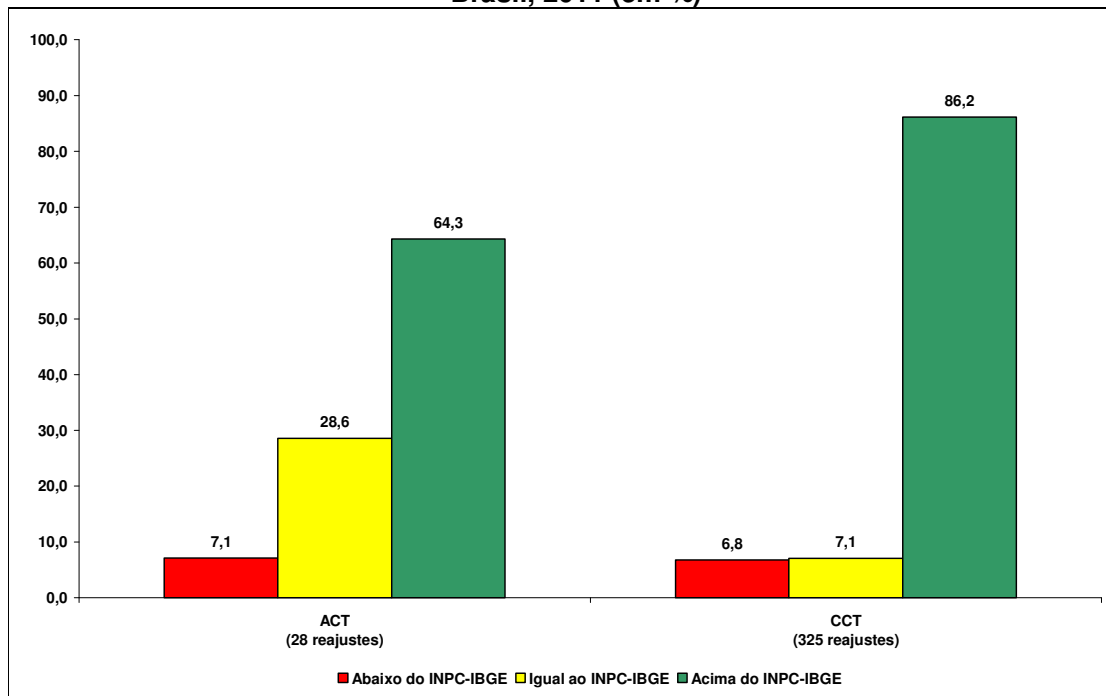


Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Reajustes salariais por tipo de negociação

Quando analisados segundo o tipo de instrumento que o define, nota-se uma configuração constante nos últimos anos. As negociações realizadas no âmbito da categoria profissional, e que resultam, portanto, em convenções coletivas (CCT), tendem a apresentar resultados mais positivos nos reajustes salariais que as negociações realizadas no âmbito das empresas, que resultam, por sua vez, em acordos coletivos (ACT), como se pode ver no Gráfico 4.

GRÁFICO 4
Distribuição dos reajustes salariais, por tipo de instrumento,
em comparação ao INPC-IBGE
Brasil, 2011 (em %)



Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Modalidades especiais das negociações salariais

Há poucas mudanças na forma da concessão dos reajustes salariais entre as unidades de negociação analisadas no presente estudo. A grande maioria das negociações, sempre acima de 90% do total no período 2008-2010, define o pagamento do reajuste em uma única parcela. Contudo, nota-se um pequeno crescimento no número de reajustes concedidos em mais de uma parcela, que não chega a representar uma mudança significativa do quadro (Tabela 11).

TABELA 11
Número e percentual de reajustes salariais pagos em uma vez, na data-base ou posteriormente, de reajustes parcelados e de negociações sem reajustes salariais
Brasil, 2008 a 2011

Condição	2008		2009		2010		2011	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Pagamento em uma vez	338	95,8	330	93,2	340	96,3	329	94,0
Pagamento parcelado	13	3,7	18	5,1	13	3,7	21	6,0
em 2 vezes	12	3,4	14	4,0	10	2,8	19	5,4
em 3 vezes	1	0,3	3	0,8	3	0,8	2	0,6
em 4 vezes ou mais	0	0,0	1	0,3	0	0,0	0	0,0
Sem reajuste	2	0,6	6	1,7	0	0,0	0	0,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Quanto à forma de pagamento escalonado dos reajustes – quando são definidos diferentes índices segundo a faixa salarial dos beneficiados e/ou limitação da correção a determinado valor nominal – observa-se um crescimento pequeno, mas constante, no número de categorias que adotam essa modalidade de concessão dos reajustes. Em 2008 representavam em torno de 12%. Em 2011 passaram a representar 19% do painel (Tabela 12).

Sobre a concessão de abonos salariais, nota-se uma leve redução em relação a 2010, mas mantendo-se em percentual superior a 2008 e 2009.

TABELA 12
Número e porcentagem de casos de escalonamento e de concessão de abono salarial
Brasil, 2008 a 2011

Condição	2008		2009		2010		2011	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Total de escalonamentos	43	12,2	53	15,0	59	16,7	66	18,7
<i>Com concessão de abono</i>	3	0,8	6	1,7	13	3,7	8	2,3
<i>Sem concessão de abono</i>	40	11,3	47	13,3	46	13,0	58	16,4
Total de abonos salariais	18	5,1	20	5,7	29	8,2	25	7,1
<i>Com escalonamento dos reajustes</i>	3	0,8	6	1,7	13	3,7	8	2,3
<i>Sem escalonamento dos reajustes</i>	15	4,2	14	4,0	16	4,5	14	4,8

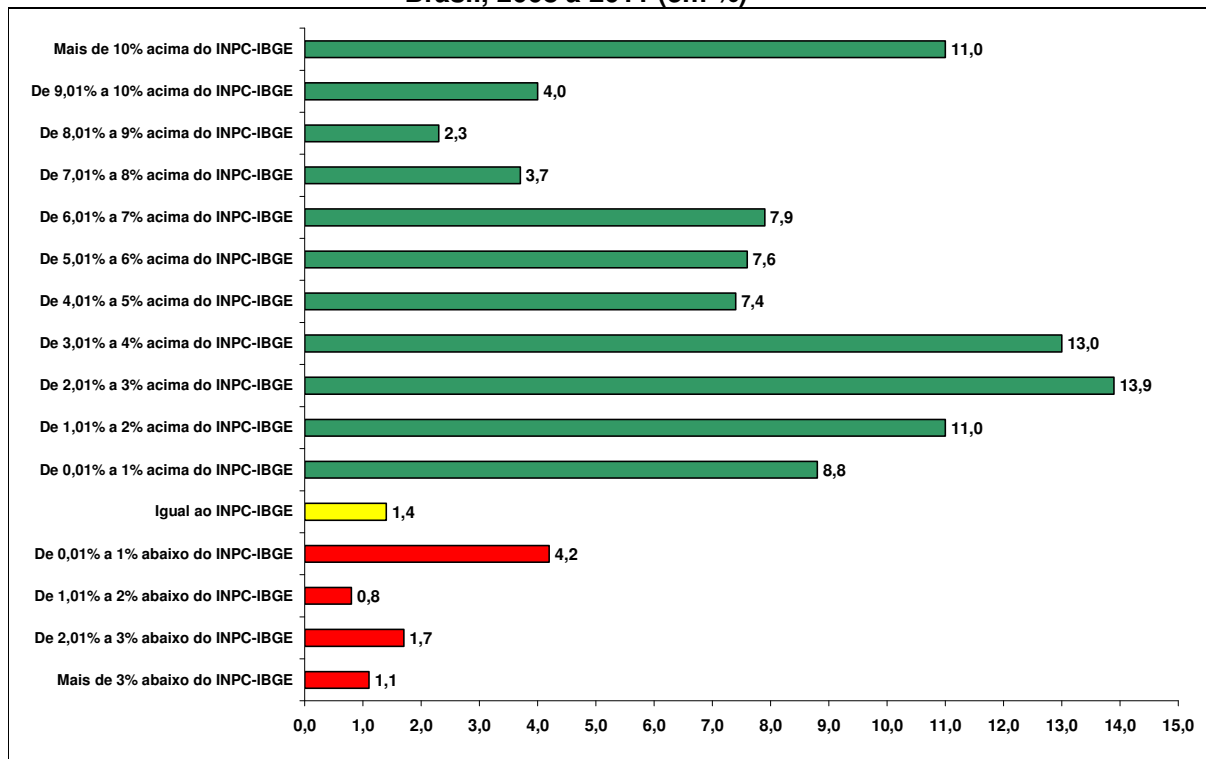
Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Reajustes salariais acumulados no período 2008 a 2011

O resultado acumulado dos últimos quatro anos é positivo para aproximadamente 91% das negociações analisadas e apenas equivalente à inflação acumulada no período para pouco mais de 1% das negociações. As demais 8% chegaram ao final do período com perdas acumuladas.

Observando exclusivamente as faixas de ganhos reais, nota-se um conjunto razoável de negociações que obtiveram reajustes entre 1% e 4% acima do INPC-IBGE. Verifica-se também um percentual significativo de negociações com ganhos reais superiores a 10% do índice.

GRÁFICO 5
Distribuição dos resultados dos reajustes salariais acumulados no período, em
comparação ao INPC-IBGE
Brasil, 2008 a 2011 (em %)



Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Em quatro anos, o valor médio do aumento real acumulado para as 353 unidades de negociação registradas no estudo foi de 4,56%. No recorte pelos setores econômicos, verifica-se que as médias ficaram muito próximas desse índice. A Tabela 13 apresenta dados sobre a distribuição dos aumentos reais acumulados desde 2008.

TABELA 13
Estatísticas sobre os aumentos reais⁽¹⁾ acumulados no período,
geral e por setor econômico
Brasil, 2008 a 2011

Aumento Real	Indústria	Comércio	Serviços	Total
Maior	18,12%	12,49%	20,03%	20,03%
3º Quartil	7,00%	6,00%	5,80%	6,49%
Mediana	3,82%	4,17%	2,60%	3,57%
1º Quartil	2,36%	2,07%	1,03%	1,74%
Menor	-13,73%	-2,96%	-3,73%	-13,73%
Médio	4,83%	4,38%	4,33%	4,56%

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Nota: (1) Considera apenas a variação real, descontado o percentual do INPC-IBGE do período

Obs.: a) Valores negativos equivalem a perdas reais

b) Foram considerados os reajustes salariais de 161 unidades de negociação da indústria, 44 do comércio e 148 dos serviços

Considerações finais

A análise dos reajustes salariais de 353 unidades de negociação brasileiras revela resultados favoráveis às conquistas de ganhos reais dos salários, dando continuidade à tendência observada nos últimos anos, em especial aos das negociações de 2010, embora com ligeira queda nos percentuais de aumento real.

A pequena redução desses ganhos em relação ao ano passado é captada pela relativa diminuição de ganhos mais elevados e pelo aumento do número de reajustes que não repõem a inflação do período.

Do ponto de vista dos setores de atividade, o comércio foi o que registrou o maior percentual de reajuste acima da inflação e o setor de serviços, o menor. Vale destacar que não houve, no comércio, reajustes aquém da inflação do período. Na indústria, observa-se um aumento no número de negociações com aumento real, mas também um crescimento entre aquelas com reajustes abaixo do INPC-IBGE, sem, no entanto, configurar uma reviravolta no desempenho das negociações do setor.

Quanto às atividades econômicas, destacam-se as negociações da construção e mobiliário, indústria extrativa, comércio de minérios e derivados de petróleo e trabalhadores em bancos e seguros privados – todas conquistando aumentos reais nos salários – e também as negociações da indústria de alimentação, metalúrgica, gráfica, comércio atacadista e varejista e trabalhadores em transportes. O destaque negativo fica por conta das negociações do segmento das comunicações e da segurança e vigilância, onde ocorreram as maiores reduções no número de reajustes superiores à inflação.

A comparação dos reajustes por data-base apresenta relativa estabilidade no decorrer do semestre, revelando a permanência de um cenário favorável às conquistas dos trabalhadores. Esse fenômeno pode estar relacionado à pequena variação entre os índices para recomposição salarial nas datas-base do primeiro semestre de 2011. Contudo, a relação entre taxa de inflação e desempenho das negociações salariais não pode ser assumida sem outras considerações. Veja, por exemplo, os dados apresentados na Tabela 14. Em 2011 ocorreu a maior média do índice para recomposição salarial nas datas-base do primeiro semestre. No entanto, o ano registra, ainda, o segundo melhor resultado geral do período, no que se refere aos ganhos frente à inflação⁷.

⁷ Em 2009, por exemplo, deve-se considerar que a crise econômica internacional teve impacto sobre a negociação coletiva.

TABELA 14
Índices para reposição salarial, segundo o INPC-IBGE,
por data-base do primeiro semestre
Brasil, 2008 a 2011

Data-base	2008	2009	2010	2011
Janeiro	5,16%	6,48%	4,11%	6,47%
Fevereiro	5,36%	6,43%	4,36%	6,53%
Março	5,43%	6,25%	4,77%	6,36%
Abril	5,50%	5,92%	5,30%	6,31%
Maiο	5,90%	5,83%	5,49%	6,30%
Junho	6,64%	5,45%	5,31%	6,44%
Média	5,66%	6,06%	4,89%	6,40%

Fonte: IBGE

Elaboração: DIEESE

Obs.: Índices referentes ao acumulado nos 12 meses anteriores à data-base

Em síntese, os resultados das negociações analisadas neste estudo apresentam um quadro positivo para a negociação salarial brasileira, dando continuidade às conquistas das campanhas salariais dos trabalhadores. Deve-se considerar, ainda, que, apesar do cenário econômico mundial incerto, com fortes sinais de agravamento nos países capitalistas centrais, o nível de atividade interna da economia pode possibilitar a continuidade de conquistas para os trabalhadores. Esse é o desafio atual do movimento sindical brasileiro.

Anexos

As tabelas a seguir apresentam algumas informações sobre o painel analisado no presente estudo, como o número de negociações por data-base (Tabela 15), por tipo de instrumento normativo realizado (Tabela 16), por setor e atividade econômica a que se referem (Tabela 17) e por região geográfica e unidade da federação a que pertencem (Tabela 18).

TABELA 15
Distribuição dos reajustes salariais, por data-base
Brasil, 2008 a 2011

Data-base	2008		2009		2010		2011	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Janeiro	47	13,3	48	13,6	69	19,5	76	21,5
Fevereiro	27	7,6	32	9,1	23	6,5	21	5,9
Março	76	21,5	77	21,8	75	21,2	78	22,1
Abril	36	10,2	35	9,9	35	9,9	35	9,9
Maiο	140	39,7	135	38,2	129	36,5	122	34,6
Junho	24	6,8	23	6,5	22	6,2	21	5,9
Julho	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Agosto	0	0,0	2	0,6	0	0,0	0	0,0
Setembro	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Outubro	2	0,6	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Novembro	1	0,3	1	0,3	0	0,0	0	0,0
Dezembro	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total	353	100,0	353	100,0	353	100,0	353	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Obs.: As mudanças no número de reajustes por data-base entre os anos analisados, assim como a ocorrência de um reajuste salarial no segundo semestre de 2008 e 2009, decorrem de mudanças das datas-base das negociações analisadas

TABELA 16
Distribuição dos reajustes salariais analisados,
por tipo de instrumento
Brasil, 2011

Tipo de Instrumento	nº	%
Acordo Coletivo	28	7,9
Convenção Coletiva	325	92,1
Total	353	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Obs.: Acordo Coletivo de Trabalho é o nome que se dá ao contrato coletivo assinado por entidades sindicais de trabalhadores diretamente com as empresas, e Convenção Coletiva de Trabalho, o nome que se dá ao contrato coletivo assinado por entidades sindicais de trabalhadores e de empresas

TABELA 17
Distribuição dos reajustes salariais, por setor e atividade econômica
Brasil, 2011

Setor / Atividade Econômica	nº	%
INDÚSTRIA	161	45,6
Alimentação	23	6,5
Artefatos de Borracha	3	0,8
Construção e Mobiliário	42	11,9
Extrativista	5	1,4
Gráfica	10	2,8
Instrumentos Musicais e Brinquedos	1	0,3
Joalheria e Lapidação	1	0,3
Metalúrgica	26	7,4
Papel	2	0,6
Química e Farmacêutica	10	2,8
Fiação e Tecelagem	8	2,3
Urbana	12	3,4
Vestuário	18	5,1
COMÉRCIO	44	12,5
Atacadista e Varejista	32	9,1
Minérios e Derivados de Petróleo	10	2,8
Propagandistas e Vendedores Prod. Farmacêuticos	2	0,6
SERVIÇOS	148	41,9
Agentes Autônomos no Comércio	6	1,7
Bancos e Seguros Privados	7	2,0
Comunicação	16	4,5
Cultura Física	1	0,3
Difusão Cultural	7	2,0
Educação	28	7,9
Processamento de Dados	2	0,6
Segurança e Vigilância	14	4,0
Serviços de Saúde	12	3,4
Transportes	19	5,4
Turismo e Hospitalidade	36	10,2
Total	353	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

TABELA 18
Distribuição dos reajustes salariais,
por região geográfica e unidade da federação
Brasil, 2011

Região/UF	nº	%
NORTE	26	7,4
Amazonas	13	3,7
Pará	8	2,3
Rondônia	4	1,1
Roraima	1	0,3
NORDESTE	76	21,5
Alagoas	2	0,6
Bahia	23	6,5
Ceará	20	5,7
Paraíba	6	1,7
Pernambuco	7	2,0
Piauí	1	0,3
Rio Grande do Norte	12	3,4
Sergipe	5	1,4
CENTRO-OESTE	33	9,3
Distrito Federal	10	2,8
Goiás	16	4,5
Mato Grosso	2	0,6
Mato Grosso do Sul	5	1,4
SUDESTE	132	37,4
Espírito Santo	8	2,3
Minas Gerais	26	7,4
Rio de Janeiro	43	12,2
São Paulo	55	15,6
SUL	85	24,1
Paraná	30	8,5
Rio Grande do Sul	28	7,9
Santa Catarina	27	7,6
Brasil⁽¹⁾	1	0,3
Total	353	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Nota: (1) Reajustes salariais definidos em acordos ou convenções coletivas de trabalho com abrangência nacional ou inter-regional.

Notas metodológicas

1. As informações que embasam este estudo foram extraídas de acordos e convenções coletivas de trabalho registradas no Sistema de Acompanhamento de Salários – SAS-DIEESE. Os documentos foram remetidos ao Departamento pelas entidades sindicais envolvidas nas negociações coletivas ou pelos escritórios regionais e subseções (unidades de trabalho do DIEESE que funcionam dentro de entidades sindicais). Complementarmente, também foi considerado o noticiário da imprensa escrita e dos veículos impressos ou virtuais do meio sindical – jornais e revistas de sindicatos representativos de trabalhadores e de entidades sindicais empresariais.
2. Os dados aqui apresentados têm valor indicativo e buscam captar tendências da negociação salarial no país.
3. O painel de informações utilizado não permite extrapolações para além do conjunto exposto neste trabalho, dado que não se trata de amostra estatística.
4. Cada registro do painel refere-se a uma unidade de negociação. Por unidade de negociação, entende-se cada núcleo de negociação coletiva entre representantes de trabalhadores e empresários que resulta em um documento formalizado entre as partes.
5. O presente estudo analisou os reajustes salariais negociados por 353 unidades de negociação da indústria, comércio e serviços. Estas negociações compõem o painel fixo de categorias acompanhadas pelo SAS-DIEESE, estabelecido em 2008, e que conta com 845 unidades de negociação, incluindo os setores da indústria, comércio, serviços e rural.
6. Foram excluídos desta pesquisa os contratos assinados por entidades representativas de trabalhadores rurais e de funcionários públicos. Isto se deve às peculiaridades da dinâmica e dos resultados das negociações dessas categorias, que diferem significativamente das desenvolvidas nos demais setores econômicos.
7. O foco exclusivo das análises desenvolvidas nesta pesquisa são as negociações por reajuste dos salários diretos. Não faz parte das pretensões deste trabalho, portanto, a abordagem dos efeitos de vantagens compensatórias acordadas sob a forma de remuneração indireta ou variável (auxílios e adicionais).
8. Os reajustes aplicados aos pisos salariais são frequentemente mais elevados do que os incidentes sobre as faixas de remuneração superiores. Para a elaboração deste estudo, foram desconsiderados os percentuais de reajuste dirigidos exclusivamente aos pisos.
9. No caso de reajustes salariais escalonados por faixas de remuneração, foi registrado o percentual incidente sobre o menor salário ou, quando disponível a informação, sobre a faixa salarial mais abrangente.
10. Nas tabelas do estudo, os percentuais serão sempre apresentados com arredondamento na primeira casa decimal; e no texto, aparecerão arredondados para o valor inteiro mais próximo.

Rua Ministro Godói, 310
CEP 05001-900 São Paulo, SP
Telefone (11) 3874-5366 / fax (11) 3874-5394
E-mail: en@dieese.org.br
www.dieese.org.br

Direção Executiva

Presidente: Zenaide Honório

Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - SP

Vice-presidente: Josinaldo José de Barros

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel - SP

Secretário: Pedro Celso Rosa

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba - PR

Diretor Executivo: Alberto Soares da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de Campinas - SP

Diretora Executiva: Ana Tércia Sanches

Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região - SP

Diretor Executivo: Antônio de Sousa

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região - SP

Diretor Executivo: José Carlos Souza

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo - SP

Diretor Executivo: João Vicente Silva Cayres

Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP

Diretora Executiva: Mara Luzia Feltes

Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul - RS

Diretora Executiva: Maria das Graças de Oliveira

Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de Pernambuco - PE

Diretor Executivo: Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa

Sindicato dos Eletricitários da Bahia - BA

Diretor Executivo: Roberto Alves da Silva

Federação dos Trabalhadores em Serviços de Asseio e Conservação Ambiental Urbana e Áreas Verdes do Estado de São Paulo - SP

Diretor Executivo: Tadeu Moraes de Sousa

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo Mogi das Cruzes e Região - SP

Direção Técnica

Clemente Ganz Lúcio – diretor técnico

Ademir Figueiredo – coordenador de estudos e desenvolvimento

José Silvestre Prado de Oliveira – coordenador de relações sindicais

Francisco J.C. de Oliveira – coordenador de pesquisas

Nelson de Chueri Karam – coordenador de educação

Rosana de Freitas – coordenadora administrativa e financeira

Equipe Técnica Responsável

Luís Augusto Ribeiro da Costa

Paulo Alexandre de Moraes

Paulo Roberto Arantes Vale

Equipe de Crítica e Revisão Técnica

Eliana Elias

Francisco J.C. de Oliveira

Joana Biava

José Álvaro Cardoso

José Silvestre Prado de Oliveira

Paulo Jager

Iara Heger (revisão de texto)